

VARIAÇÃO ENTRE FORMAS DOS PARADIGMAS DE TU-VOCÊ EM CARTAS PERNAMBUCANAS DOS SÉCULOS XIX E XX¹

VARIATION BETWEEN FORMS OF TU-VOCÊ (YOU) PARADIGM IN LETTERS FROM PERNAMBUCO IN 19TH AND 20TH CENTURIES

Valéria Severina Gomes

Universidade Federal Rural de Pernambuco²

Célia Regina dos Santos Lopes

Universidade Federal do Rio de Janeiro³

RESUMO

Este artigo objetiva apresentar resultados quantitativos sobre o comportamento dos pronomes de 2ª pessoa na posição de sujeito e na de complemento verbal. A análise baseia-se numa amostra constituída por cartas escritas em Pernambuco em fins do século XIX e início do século XX (1869-1969). Considerando o tratamento predominante na posição de sujeito: (i) *tu-exclusivo*; (ii) *você-exclusivo* e (iii) *você ~ tu*, buscamos correlacionar os padrões de variação entre *tu* e *você* com as formas variantes utilizadas como complemento: acusativo (*te~você~lhe~o/a*), dativo (*te~lhe~para/a você*) e oblíquo (*para ti ~ você*) (LOPES e CAVALCANTE, 2011; LOPES, RUMEU, CAVALCANTE, 2013). Nosso intuito é contribuir com o mapa descritivo dos sistemas de tratamento do português brasileiro, apresentando os dados de Pernambuco. Os resultados evidenciaram (i) o predomínio do padrão *você-exclusivo* na amostra; (ii) a variação das formas de complemento verbal como reflexo da mudança na posição de sujeito

1 Este estudo foi desenvolvido durante um estágio de pós-doutoramento realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no período de novembro/2013 a outubro/2014. O estágio foi supervisionado pela Professora Doutora Célia Regina dos Santos Lopes (II/Pq 2 CNPq) e foi financiado pelo CNPq, protocolo número: 6778377484638637, Pós-doutorado Júnior – PDJ.

2 Bolsista de Pós-Doutorado Júnior do CNPq.

3 Bolsista de Produtividade do CNPq.

causada pela implementação de *você* no paradigma pronominal do PB; (iii) na posição de acusativo, o clítico *o-a* foi a forma mais produtiva nas cartas de *você-exclusivo* por conta do perfil erudito do remetente e pela natureza do texto; (iv) em posição dativa e oblíqua, também houve uma correlação entre os complementos e as formas usadas na posição de sujeito: o dativo *lhe* foi mais produtivo e os sintagmas preposicionados com *você* também predominaram.

PALAVRAS-CHAVE: segunda pessoa; acusativo; dativo; oblíquo.

ABSTRACT

This paper aims to present quantitative data on the behavior of 2nd person pronouns in subject and complement position. The analysis is based on a sample of private letters written in Pernambuco (northeastern region of Brazil) between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century. Considering the addressing forms in subject position: (i) only *tu*; (ii) only *você*, and (iii) *você ~ tu*, we intend to correlate the patterns of variation between *tu* and *você* (you.sg.nom) with the variant forms in complement position: accusative (*te~você~lhe~o/a*), dative (*te~lhe~para/a você*) and oblique (*para ti~você*) (LOPES E CAVALCANTE, 2011; LOPES, RUMEU, CAVALCANTE, 2013). We want to contribute with the descriptive map of the address systems in Brazilian Portuguese, giving new data of Pernambuco. The results show (i) the predominance of the ‘only *você*’ pattern in our sample; (ii) the variation in complement position in BP as a reflex of the change in subject position caused by the implementation of *você* (you.SG) in the pronominal paradigm; (iii) in accusative position, the clitic *o-a* (SG.ACC) was the most frequent form in the letters with the ‘only *você*’ pattern on account of the erudite profile of the sender and the nature of the text; (iv) in dative and oblique position, there was a correlation between the complements and the form used in subject position: the dative *lhe* (you.SG. DAT) was higher than the other variant forms and PPs with *você* also predominated in oblique function.

KEYWORDS: second person; accusative; dative, oblique.

INTRODUÇÃO

A inserção do *você* no quadro pronominal de segunda pessoa do Português Brasileiro (PB) provocou, em cadeia, alterações nos diferentes contextos morfossintáticos de ocorrência (nominativo, acusativo, dativo e oblíquo). Esse processo paulatino e com peculiaridades diacrônicas e diatópicas advém do processo de gramaticalização do sintagma *Vossa Mercê* ao pronome *você*, a partir do século XV (RUMEU, 2004). As modificações fonéticas e semânticas pelas quais o termo passou propiciaram a hibridização de um *você* mais cerimonioso, que guardava a herança de *Vossa Mercê*, a um *você* mais solidário, informal e íntimo, próximo do *tu*. Essa proximidade entre *você-tu* abriu possibilidades de alternância de uso entre os dois paradigmas, o que corresponde ao emprego vigente no PB na atualidade.

Esse uso alternado ocorre, por exemplo, quando as formas do paradigma de *tu*, na posição de sujeito, entram em combinação com as formas do paradigma de *você*, na posição de complemento e vice-versa, na fala ou mesmo na escrita. Estudos recentes demonstraram que mesmo nas localidades em que se usa atualmente *você* na posição de sujeito (nominativo), como na grande São Paulo e áreas de Minas Gerais, as formas de complemento acusativo e/ou dativo do paradigma de *tu* podem ser recorrentes, em frases do tipo *Você quer que eu te ligue?* Esse movimento da língua vai de encontro à “uniformidade de tratamento” postulada pela gramática tradicional, mas é recorrente em diversas localidades do Brasil. O trabalho de Lopes, Rumeu e Carneiro (2013), feito como base em cartas do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia, mostrou que o sujeito *tu* se manteve produtivo até fins dos anos 1930 quando houve a generalização do *você* como estratégia mais frequente, acarretando alterações em contextos de complemento verbal: acusativo, dativo e complemento oblíquo.

No sentido de continuar mapeando as formas treatmentais do português brasileiro do ponto de vista diacrônico e diatópico, analisamos, neste trabalho, as formas dos paradigmas de *tu-você* em um *corpus* específico: cartas pessoais de autores pernambucanas dos séculos XIX e XX, seguindo os mesmos propósitos de Lopes (2011) e Lopes, Rumeu e Carneiro (2013), ao investigar o sistema pronominal de tratamento no português brasileiro. Para tanto, consideramos, como em estudos anteriores, (i) a relevância do conceito das Tradições Discursivas na explicação das mudanças ocorridas no

sistema de tratamento pronominal do português brasileiro; (ii) a observância dos diferentes contextos morfossintáticos em que as formas relacionadas ao paradigma de *você* e/ou *tu* ocorrem na amostra em análise; e (iii) a parte constitutiva da carta em que as formas tratamentais são empregadas.

O artigo está estruturado em seis seções, além desta introdução. Na seção 2, será discutida a metodologia, os pressupostos adotados e a descrição do *corpus* de cartas pernambucanas escritas de 1869 a 1969. Na seção 3, apresentamos os resultados das formas de 2ª pessoa empregadas na posição de sujeito. A partir da seção 4, apresentamos os resultados dos complementos de 2ª pessoa empregados, tendo em vista sempre a sua correlação com o tratamento uniforme ou não na posição de sujeito. Começamos, ainda em 4, com os resultados dos complementos acusativos de segunda pessoa. Em 5, são analisados os complementos dativos, para, por fim, em 6, analisarmos os complementos oblíquos. Na sequência, estão as algumas considerações finais sobre os resultados obtidos e listamos as referências bibliográficas utilizadas.

2. Perspectiva teórico-metodológica adotada e *corpus* utilizado

Adotamos, como perspectiva metodológica de análise, a correlação entre o tratamento de segunda pessoa empregada na posição de sujeito e as formas empregadas como complemento verbal: acusativo, dativo e complemento oblíquo. No caso do sujeito, controlamos a presença uniforme, ou não, do tratamento de segunda pessoa. No acusativo, verificamos diacronicamente, no *corpus* de Pernambuco, a ocorrência de variadas formas clíticas (*te, lhe, o/a*) e não clíticas (*você*) nessa função, tendo em vista o que foi demonstrado em trabalhos anteriores (ALMEIDA, 2009; LOPES e CAVALCANTE, 2011; SOUZA, 2014). No que diz respeito ao dativo, Lopes, Rumeu e Carneiro (2013) registram um uso diferenciado dessas formas em função da localidade que analisaram, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia, respectivamente. Aqui enfocamos os dados de Pernambuco com o intuito de identificar a correlação regular entre o sujeito e os complementos dativos, com *te* e *lhe* associados ao nominativo *tu* e *você* respectivamente, ou a correlação irregular desses pronomes. No que concerne aos complementos preposicionados oblíquos, procuramos verificar se os dados de Pernambuco coincidem com o trabalho de Rumeu

(2013) que, ao discutir que a inserção do *você* no quadro de pronomes do português brasileiro, encontrou nos complementos oblíquos um contexto favorável à implementação da nova forma pronominal de 2ª pessoa.

Nesse sentido, a discussão dos dados transita da análise quantitativa na linha laboviana (LABOV, 1972, 1994) à análise qualitativa com base no perfil social dos interlocutores de sincronias passadas (CONDE SILVESTRE, 2007) que condicionam a opção pelas formas tratamentais e suas regularidades e variações. Nesse sentido, os dados foram codificados e submetidos ao pacote de programas Goldvarb para sua análise quantitativa e qualitativa. Em termos dos grupos de fatores analisados, foram controlados: (i) o paradigma original que pertence a forma em análise (*tu* ou *você*), além das formas de base nominal (*O/A senhor(a)* e *Vossa Mercê*); (ii) forma concreta realizada: *você*, *tu*, desinência verbal de 2P, desinência verbal de 3P, clíticos (*te*, *lhe*, *o/a*), sintagmas preposicionados (preposição + *ti/você*); (iii) a função sintática (sujeito ou nominativo, acusativo, dativo e oblíquo); (iv) o tratamento empregado na posição de sujeito (a. *tu-exclusivo*, b. *você-exclusivo*, c. mistura de *tu* e *você* na posição de sujeito, d. *paradigmas mistos* ou formas dos dois paradigmas na mesma carta não necessariamente na posição de sujeito, e. sem referência, ou seja, os casos em que o verbo aparece na 3ª pessoa e não há presença de *você* na carta); (v) período (a data do documento); (vi) subgênero da carta particular (pessoal, familiar ou amorosa).

Em termos da natureza da amostra, é preciso destacar que as cartas pessoais seguem um padrão composicional reconhecido que ancora o texto: o local, a data, o vocativo, a captação de benevolência, o corpo do texto, a despedida e a assinatura. Por meio dessas cartas pernambucanas em análise, passamos a conhecer o entorno de quem as escreveu, sobre o local onde vivia, quando escreveu, além obviamente de podermos identificar as estratégias linguísticas utilizadas (CONDE SILVESTRE, 2007). Desse modo, relacionamos a historicidade da língua e do texto com base no conceito de Tradição Discursiva (KABATEK, 2006).

A relevância da incorporação do modelo de Tradição Discursiva à análise dos dados advém do fato de, no processo analítico sócio-histórico dos usos linguísticos, percebermos uma distinção entre as ocorrências que retratam a norma vigente no período estudado e as fórmulas fixas, repetidas, convencionalizadas em determinado gênero particular. Para tanto, partimos do entendimento de que Tradição Discursiva (TD):

é a **repetição** de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que **adquire valor de signo próprio** (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição **estabelece uma relação de união entre atualização e tradição**; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que **evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos lingüísticos empregados**. (KABATEK, 2006, p.157)

A carta pessoal serve de base a inúmeras pesquisas diacrônicas em virtude da característica que tende à informalidade, pela diversidade temática, pela recorrência dos seus elementos constitutivos, pelo caráter diverso dos interlocutores, pela variedade dos propósitos comunicativos, etc, ocupando, de acordo com essas características e com outras, diferentes espaços no contínuo da proximidade à distância comunicativa (KOCH & OESTERREICHER, 2007). As cartas coletadas constituem a produção escrita de pessoas ilustres e com um alto grau de escolaridade e letramento. Essa informação é relevante para justificar o padrão predominantemente regular das formas tratamentais. No entanto, nesse conjunto de cartas de escreventes ilustres, também são encontradas correspondências de outros familiares e amigos que ampliam a margem de verificação de contextos de alternância das formas tratamentais *tu* e *voce* nos contextos morfossintáticos em análise.

Para esta pesquisa coletamos, na Fundação Joaquim Nabuco, em Recife, 123 cartas de Pernambuco, compreendidas no período de 1869 a 1969 (séculos XIX e XX), divididas nos seguintes subgêneros: 83 cartas familiares; 32 cartas pessoais (entre amigos); e 8 cartas amorosas. Essa amostra totalizou 47.500 palavras. Foram levantados acervos de 11 famílias: Arthur Orlando – político e jornalista (22 cartas no período de 1894/1929), José Mariano – líder abolicionista, político e jornalista (5 cartas no período de 1869/1900), Joaquim Nabuco – político, diplomata, jornalista e jurista (17 cartas no período de 1872/1909), Arnaldo Guedes – não identificado (2

cartas no período de 1922-1930), Ascenso Ferreira - poeta (1 carta de 1962), Gilberto Freyre – sociólogo e escritor (10 cartas no período de 1939-1969), Manoel Borba – promotor, político e industrial (16 cartas no período de 1923-1924), Mário Sette – escritor e professor de Filosofia (13 cartas no período de 1905/1937), Nelson Ferreira – compositor e maestro (1 carta de 1925), Waldemar de Oliveira – médico, escritor, teatrólogo e compositor (28 cartas no período de 1907/1917) e Breno Braga – major do Exército brasileiro (8 cartas no período de 1941/1948).

Como mencionado na introdução, segue, em 3, os resultados das formas de 2ª pessoa obtidos na função nominativa, observando o predomínio uniforme ou não do tratamento empregado na carta, se, somente *você*, somente *tu* ou a variação entre *você* e *tu* na posição de sujeito.

3. As formas pronominais de segunda pessoa na posição de sujeito: 1869-1969

Optamos por observar primeiramente a variação entre *você* e *tu* na posição de sujeito, levando em consideração a presença uniforme ou não do tratamento empregado nas cartas pernambucanas. Para a análise dos dados, como mencionado anteriormente, controlamos se a presença de uma ou outra forma ocorria de maneira exclusiva na carta ou se havia a presença das duas estratégias (*tu* e *você*) em variação no mesmo documento. Assim, rotulamos de “*você-exclusivo*” as cartas em que o remetente empregava apenas *você* na posição de sujeito como em (1). Do mesmo modo, “*tu-exclusivo*” se refere às cartas em que há apenas *tu* explícito, ou não, em (2) e (3), na posição de sujeito. Chamamos de “mistura *tu* e *você*” quando as duas formas ocorrem na mesma carta na posição de sujeito, ou seja, o escrevente ora emprega *tu* ora *você*, como sujeito explícito ou não, ao longo de uma mesma carta, como em (4). Diferentemente do caso anterior, denominamos *paradigmas mistos* outro tipo de mistura que levou em conta o uso de formas alternativas dos dois paradigmas que não estivessem na posição de sujeito. Um exemplo seria a presença de um verbo no imperativo relacionado a *você*, em (5), ao lado de complementos e possessivos do outro paradigma e vice-versa. Chamamos de “sem referência” quando não estava evidente na carta se o remetente tratava o destinatário de *você* ou de outra forma de tratamento de base nominal. Estaria, nesse caso, a presença do verbo na

terceira pessoa sem explicitação clara do sujeito. Por fim, consideramos como “tratamento nominal” as formas *o/a senhor/a*, *vossa excelência*, *vossa senhoria*, *vossa mercê*, etc:

- (1) (...) Eu queria que você fosse lá na 4ª feira (amanhã é feriado) e conversasse em meu nome com o chefe da casa a respeito do assumpto. Caso elles possam enviar o radio, você peça para [inint.] no trem de 5ª feira pois eu tenho desejo de rever [inint.] com ingenho, depois de experimentar outros aparelhos – Outro pedio: você procure tambem o Edvaldo Guimarães (o do seu Joaquim) e indique aelle dos rádios <↑Philco> que [fol. 1v.] possuo, bons , e de preço equivalente ao 141 Victor, K. 80 G.E. etc. si puder, peça para avaliar. (...) (Carta MS 13, 29/10/1937) (AMORIM & GOMES, 2014)
- (2) Meu caro Salvador, (...) Ela é cunhada de Mistress Hallek aviuva do celebre general, e por qualquer modo tu saberás onde encontral-a. Na carta fallo em ti, e Ella, desejará muito conhecer te pelo que eu lhe digo, e estou certode que será um muito agradável conhecimento para ambos. Adeus, meu caro Salvador. Cada dia mais eu te invejo - fazendo votos para que não voltes tão cedo á esta <↑capital>do café. (...) (Carta JN 02, 25/12/1875) (ATAÍDE & FORCIONE, 2014)
- (3) (...) Deste-nos uma agravabilissima noticia assegurando que o sitio passou com garantias parlamentares. Julgo opportuno agitar a gwestão Alberto até para nossa a [lavoura] e ao pais os rigores descommunaes com que elle tem sido tratado. (...) (Carta AO 02, 02/07/1894) (AMORIM & GOMES, 2014)
- (4) Parahyba, 11 de Novembro de 1916. Minha querida mãesinha. Recebi e podes avaliar bem a minha alegria ao ler a sua cartinha de 8 deste, trasida pelo bom amigo Pedrinho. (...) Deve voce com certesa e rasão admirar-se como gastei o que trouxe dahi, mas o dinheiro vae anciosamente tão depressa que quando se conta o já restam poucos nicheis.

(Carta WO 11, 11/11/1916) (SILVA & GOMES, 2014)

- (5) Mamãe Abençoe este teu filho que muito a quer bem. Recebi sua carta e a do China do dia 8 juntamente com os jornais os quais muito agradeço. Fiquei mais tranquilo por saber que voce já sarou. (...) (Carta BB 01, 12/12/1941) (GOMES, 2014)

A tabela 1 apresenta a distribuição de *tu* e *você* na posição de sujeito tendo em vista o controle da presença uniforme, ou não, do tratamento de segunda pessoa empregado na carta:

Tratamento nas cartas (sujeito)	Formas pronominais de 2P	
	Tu	Você
<i>Você-exclusivo</i>	--	249/249 100%
<i>Tu-exclusivo</i>	48/48 100%	--
<i>Tu e você</i>	9/27 33%	18/27 67%
Paradigmas mistos	7/19 37%	12/19 63%
Sem referência	--	--
Tratamento nominal	--	--
Total	64/343 18%	279/343 79%

Tabela 1: Distribuição das formas pronominais de segunda pessoa na posição de sujeito em cartas pernambucanas

Em termos da totalidade dos dados apresentada na tabela 1, verificamos o emprego majoritário de *você* com 79% de frequência nas cartas pernambucanas. Cabe destacar, embora não conste da tabela, que esse predomínio absoluto do *você* na amostra em análise se deu ao longo do período estudado (1869-1969). O uso de *tu* foi bastante esporádico (18%) e ocorreu predominantemente na primeira metade do século XX.

Na análise do comportamento uniforme, ou não, nas cartas, observamos, em primeiro lugar, que a maior parte de nossos dados de sujeito ocorreram nas cartas com uniformidade tratamental, seja de *você* (*você-exclusivo* – 249 dados) ou *tu* (*tu-exclusivo* – 48 dados).

A variação entre *tu* e *você* na mesma carta foi bastante esporádica, uma vez que, pelo perfil dos informantes, com alto nível de letramento, já era esperado o emprego bastante regular das formas tratamentais. O uso variável das duas formas na posição de sujeito, em uma mesma carta, deu-se nas primeiras décadas do século XX (entre 1900 e 1920). Tal comportamento esteve presente apenas com dois remetentes masculinos distintos. O primeiro deles, José Mariano, em (6), escreve para sua filha Yayá no ano de 1900. O segundo missivista, Waldemar de Oliveira, em (7), emprega ora *tu* e ora *você* em quatro cartas diferentes que foram dirigidas à sua mãe nos idos de 1916-17:

- (6) A esta hora já deves estar mais satisfeita porque já terá recebido a carta que foi pelo Cordelliere. Não esperes cartas senão pelos va-pores transatlânticos, que são mais rapidos e não estão sujeitos a quarentena no Lasareto, como os vapores na-cionaes. Estimei bem que tivessem ido a Usina Beltrão. Assim irão se distraindo um pouco. Fiquei contente pelas noticias que me dás de Yoyô. Achei-o muito magro pelo retrato, mas tu dizes que elle agora está gordo e casado. (Carta JM 5, 28/11/1900) (AMORIM & GOMES)
- (7) Resta você apressar a remessa delle se não o receber até 12 de Agosto Pedirei a Erik ou à outro qualquer o mesmo dinheiro e pagal-o-hei logo que elle chegar. Para isto já se offereceu Erik. Segue o recibo da pensão com alguns extraordinarios que tomei devia ter seguido pelo ultimo correio mas esqueci-me. Quanto ao pagamento da frequência creio que não me dão recibo porem se me o derem, envia-lo-hei pelo primeiro correio. Fiquei satisfeito ao saber que você gostou da conducta que tive, queira Deus que assim sempre aconteça Na segunda carta me dizes que já devo ter recebido o dinheiro e que me devo matricular logo etc. (Carta WO 18, 06/08/1917) (AMORIM & GOMES)

Em (6), é possível notar que houve o emprego majoritário, embora não exclusivo, de *tu* como sujeito nulo (*deves, dá's, ao lado de tu dises*). O único dado de *você* na carta também era como sujeito nulo em uma oração subordinada (porque já *terá* recebido). Tal comportamento era esperado, uma vez que, como reiteradamente defende Duarte (1985), o português brasileiro era positivamente marcado para o parâmetro do sujeito nulo até, pelo menos, 1937. Em (7), e nas outras cartas de Waldemar para sua mãe, é a forma *você* que prevalece, enquanto o *tu-nulo* ocorre esporadicamente.

Embora as cartas pernambucanas analisadas, neste estudo, apresentem o uso expressivo de *você* como sujeito, a presença variável de *você* e *tu*, mesmo que rara nas cartas do início do século XX, reitera o que tem sido observado em outros estudos sobre o tema. O trabalho de Lopes, Rumeu e Carneiro (2013), feito com base em cartas do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia, também mostrou que o sujeito *tu* se manteve produtivo até fins dos anos 1930 quando *você* tomou o seu lugar, generalizando-se como a estratégia mais recorrente.

Na seção seguinte, discutiremos qual é o comportamento das formas do paradigma de *tu* e de *você* em outros contextos sintáticos que não o de sujeito (nominativo). Adotamos, como perspectiva de análise, a correlação entre a forma de segunda pessoa empregada na posição de sujeito e as formas empregadas como complemento verbal: acusativo, dativo e complemento oblíquo.

4. Formas acusativas de segunda pessoa nas cartas pernambucanas: 1869-1969

O acusativo é o complemento verbal denominado objeto direto (OD) que se liga ao verbo predominantemente sem intermédio de preposição⁴. No tocante à segunda pessoa, trabalhos anteriores demonstraram que sincrônica e diacronicamente variadas formas clíticas (*te, lhe, o/a*) e não clíticas (*você*) podem ocorrer nessa função, embora o clítico *te* seja o preponderante (ALMEIDA, 2009; LOPES e CAVALCANTE, 2011; LOPES, RUMEU, CARNEIRO, 2013; SOUZA, 2014).

O que a gramática tradicional postula com relação à “uniformidade de tratamento” entre os pronomes na posição de sujeito e seus correspondentes

4 Há casos em que o OD pode ser preposicionado em referência a seres humanos ou humanizados, como na construção “Amar a Deus”.

na posição de complemento encontra divergência com relação aos subsistemas de tratamento em pleno vigor no português brasileiro. É o caso, por exemplo, da combinação entre as formas do paradigma de *tu* com as formas do paradigma de *você*, não correspondendo, assim, à homogeneidade dos postulados gramaticais. Esse movimento da língua evidencia-se também no *corpus* de Pernambuco analisado, uma vez que o alto grau de escolaridade e de experiência com a prática escrita da maioria dos missivistas fez valer a predominância da simetria das formas treatmentais, mas não impediu que a combinação das formas dos dois paradigmas se fizesse presente em alguns contextos. Nesse sentido, concordamos com Lopes (2012, p.124) quando afirma que essa “*uniformidade de tratamento* apregoada nos manuais é um preciosismo artificial que não corresponde à realidade linguística do português desde pelo menos o século XVIII”. Vejamos o que revela a tabela 2 com relação à distribuição da função acusativa e o uso do sujeito:

Tratamento nas cartas (sujeito)	Formas acusativas de segunda pessoa				
	Te	Você	Lhe	o/a	Total
<i>Você-exclusivo</i>	01/29 3%	05/29 17%	06/29 21%	17/29 59%	29/45 65%
<i>Tu-exclusivo</i>	12/12 100%	--	--	--	12/45 27%
<i>Tu e você</i>	--	--	--	01/01 100%	01/45 2%
Paradigmas mistos	01/01 100%	--	--	--	01/45 2%
Sem referência	--	01/01 100%	--	--	01/45 2%
Tratamento nominal	--	--	--	01/01 100%	01/45 2%
Total	14 31%	6 13,5%	6 13,5%	19 42%	45 100%

Tabela 2: Distribuição das formas acusativas (objeto direto) e o uso do sujeito em cartas pernambucanas

Em termos dos valores totais da tabela 2, foram levantadas 45 ocorrências de formas acusativas na amostra, com predomínio do clítico *o/a* (42%), seguido pelo *te* (31%) e pelas formas *você* (13,5%) e *lhe* (13,5%), as duas últimas com os mesmos índices percentuais.

Interessante destacar que os resultados revelam a confluência de aspectos, ao mesmo tempo, conservadores e inovadores. Por um lado, é possível perceber certa *continuidade* quando observamos a manutenção de formas do mesmo paradigma: i) uso categórico de *te* nas cartas em que *tu* aparecia na posição de sujeito; ii) significativa presença do clítico *o/a* nas cartas em que o tratamento era de base nominal (*O senhor*) ou nas cartas de *você-exclusivo* como sujeito. Por outro lado, a diversidade de formas acusativas (*te* - 3%, *você* - 17%, *lhe* - 21%, *o/a* -59%) nas cartas com *você-exclusivo* evidencia a *divergência* e reestruturação dos complementos acusativos de 2P a partir da emergência do *você-nominativo*.

Em (8), temos um exemplo do clítico *a* em uma carta considerada sem referência ou de formas verbais na terceira pessoa do singular. Em (9), há um caso de *você* em uma carta com *você* na posição de sujeito. Em (10), temos um exemplo de *lhe* no mesmo tipo de carta. Por fim, em (11), não há a dita “uniformidade de tratamento” apregoada nos manuais didáticos, uma vez que o complemento acusativo *te* aparece numa carta com *você* na posição de sujeito:

Minha querida Mamãe | Já deve ter recebido uma carta minha na qual acusava o recebimento de duas cartas suas. Aqui nada ha de novo sinão o boato de que [inint.] vai acabar a pensão; porem isto não passa de boato, contudo o que houver de novo sobre este assumpto mandar-lhe-ei dizer. [...] Adeus, minha querida mamãe, abraços saudosos e beijos de quem muito a estima. Waldemar (Carta WO 20, 22/08/1917) (AMORIM & GOMES, 2014)

- (9) Recife, 6 de Março de 1922. Iignes [...] se não é necessario ficar ahi *para* faser o tra- tamento, *você* venha *para* fazê-lo aqui. Como recommendei você a Abreu Fialho e ao David Lansor e conte-lhes suas consultas de São Paulo e a do Padre de Farias – Talvez elles tenham alguma coisa para a aconselhar. (Carta MB 03, 06/03/1922) (SOUZA & GOMES, 2014)
- (10) Gilberto [...] Eu, entretanto, irei. Si você quiser fazer o favor de ir apanhar-me aqui – ou indicar-me um local de encontro – eu *lhe* agradeço de antemão. [...] Caso haja lugar para minha Mãe no automovel do amigo que lhe levará – peço-

lhe à [vale] com franqueza – avise-me. (Carta GF 05, xx/xx/19xx) (ATAÍDE & GOMES, 2014)

- (11) Minha cara Mamãe Parahyba 19 de Janeiro de 1916. Recebi, com grande alegria á 11 do corrente, a sua mimosa cartinha datada de 8 de Janeiro. [...] Perguntam-me todos por você papai, mamãe e meus irmãos prometendo-[rasurado] no vir visitar-me aqui. [...] Adeus minha mãesinha receba um affetuoso abraço de quem te estima muito Waldemar Preciso muito de sellos. (Carta WO 05, 19/01/1916) (SILVA & GOMES, 2014)

Comentários qualitativos desses resultados se fazem necessários, tendo em vista a natureza do *corpus* e o perfil sociohistórico de nossos missivistas. A maior incidência de *o-a* e variantes no acusativo pode ser explicada por dois fatores principais. O primeiro deles é a erudição da escrita do jurista e político Joaquim Nabuco. Das 19 ocorrências, oito estão nas cartas pessoais de Joaquim Nabuco, enviadas aos amigos entre os anos de 1881 a 1909. Nesses casos, o uso da variante mais conservadora explica-se pela erudição do escrevente ao se reportar aos amigos ilustres.

Outra explicação possível está na natureza do texto, na forma tradicional e recorrente de se despedir nas cartas familiares, portanto, trata-se de um uso determinado por uma tradição discursiva. Dos 19 dados totais de *o-a* e variantes no acusativo, sete estão nas cartas do jovem Waldemar de Oliveira a sua mãe. Desses sete dados, seis ocorreram na seção de despedida das cartas em construções semelhantes ao detectado em (8): “quem muito a estima”. Os dados são: “o filho que não *a* esquece”; “beijos de quem *a* adora verdadeiramente”; “o filho que *a* estima verdadeiramente”. Percebemos, então, que o emprego de uma forma mais conservadora, nesse caso, pode ter sido motivado pela construção formulaica que se repete em uma situação de despedida no final do texto. O que confirmaria nossa hipótese de o emprego do clítico *o/a* estar relacionado à tradição discursiva é o fato de a segunda estratégia mais frequente (*lhe*) ocorrer preferencialmente nas cartas do mais jovem missivista de nossa amostra: Waldemar de Oliveira. Dos seis dados identificados nas cartas de *você-exclusivo*, quatro foram empregados Waldemar.

Como mencionado anteriormente, ao lado do *lhe* que migrou do

paradigma de 3ª pessoa, como clítico dativo, para o paradigma de 2ª pessoa, como clítico acusativo, acompanhando a emergência de *você*, temos a forma *você* sendo empregada com índices percentuais equivalentes, principalmente, em cartas familiares. Em (9), *você* é empregado na carta de Manoel Borba para a filha Ignes, no ano de 1922. Em (10), o *lhe* foi utilizado na carta do primo José Antônio Gonsalves para Gilberto Freyre. As duas estratégias (*lhe* e *você*) podem ser consideradas como inovadoras para o complemento acusativo de 2P. De certa forma, confirmamos o que foi observado por Duarte (1986) quando afirma que o uso do *você-acusativo* é a opção mais frequente no lugar das originais formas clíticas de 3ª pessoa (no caso *o/a*). No caso das missivas de Pernambuco, a presença de *você* na função acusativa foi bastante relevante, ao contrário do se observa para o mesmo período em outras localidades brasileiras (LOPES, RUMEU, CARNEIRO, 2013)

Com relação ao clítico *te* há ainda dois aspectos a considerar. Nas cartas de *tu-exclusivo* como sujeito (tabela 2), houve o emprego exclusivo do clítico *te*, o que revela um comportamento conservador, que pode ser justificado por meio das variáveis tempo e faixa etária dos escreventes. Os 12 dados foram localizados em cartas datadas de 1876 a 1926, cujos missivistas eram adultos. Em nossa amostra, portanto, os dados de *tu(nominativo)-te(acusativo)* foram empregados apenas na amostra do século XIX e no início do século XX por remetentes adultos que devem ter trazido traços das normas adquiridas na sua infância e juventude em anos anteriores.

A única ocorrência do clítico *te* como objeto direto que configuraria “falta de uniformidade ou mescla tratamental” foi localizada numa carta de *você-exclusivo* escrita pelo jovem Waldemar de Oliveira, estudante de medicina. A carta foi escrita na Bahia, em 1916, para a sua mãe que residia em Recife. Esse dado, ilustrado em (11), é bastante significativo, pois mostra exatamente um padrão inovador que está em vigor no português brasileiro atual: presença de *você-nominativo* com *te-acusativo*. Tal ocorrência apareceu numa carta de um jovem na virada do século XIX para o século XX, demonstrando indícios da norma que se firmará mais tarde.

As demais ocorrências tiveram um percentual menor. No caso do sujeito com tratamento nominal (*Vossa Mercê* ou *O/A Senbor/a*) houve apenas a variante *o/a* (1%); nos contextos em que não havia referência ao sujeito (sujeito sem referência), houve apenas a variante *você* (1%); e nas

ocorrências de *você* e *tu* mistos nos casos de imperativo (paradigmas mistos), houve apenas o clítico *te* (1%).

De um modo geral, os dados mais representativos de Pernambuco mostram que o clítico *te* foi mais produtivo no sistema tratamental em que predomina o *tu-exclusivo*, no final do século XIX e início do XX. Os dados evidenciam também que o subsistema mais favorável às formas variantes de acusativo foi o *você-exclusivo* como sujeito, com alta produtividade dos clíticos *o-a* determinada muito mais por uma tradição discursiva (TD) do que pela norma da época. As variantes *lhe* e *você* foram os complementos acusativos que de fato estiveram associados a *você-nominativo* na amostra pernambucana.

Na próxima seção, comentaremos os resultados relativos aos complementos dativos de segunda pessoa encontrados no *corpus*.

5. Formas dativas de segunda pessoa nas cartas pernambucanas: 1869-1969

Estamos considerando como dativo o chamado objeto indireto formado por constituintes que funcionam como argumentos internos de verbos de dois lugares (S V OI) ou três lugares (S V OD OI). Do ponto de vista semântico, consideramos também o traço de animacidade, que é consensual entre os estudiosos (OLIVEIRA, 2014), uma vez que o complemento dativo é de alvo/fonte ou beneficiário da ação expressa pelo verbo. Estão nesse conjunto apenas os complementos que podem ser cliticizados pelo *lhe* como em (12):-

- (12) Mamãe, [...] Para vossê fazer uma ideia aproximada da festa a Jesus Christo Redemptor, que aqui teve lugar a 4 do corrente, remeto-lhe parte da columna da gazetilha do jornal do Recife. [...] Sua filhinha Carinhosa Maria Arthur Fragoso da *Silva*. Maroca (Carta AO 09, 08/11/1900) (AMORIM & GOMES, 2014)

Reportando-se a pesquisas anteriores, Lopes, Rumeu e Carneiro (2013) registram um uso diferenciado das formas dativas em função da localidade analisada. Na documentação relativa a algumas áreas da Bahia e a Minas Gerais, as autoras identificaram uma correlação bastante simétrica entre o sujeito e os complementos dativos com *te* e *lhe* associados ao nominativo

tu e *você* respectivamente. Nas cartas do Rio de Janeiro, por outro lado, prevaleceu o *te* como complemento dativo em qualquer situação: cartas de sujeito *tu* e cartas com variação entre *você* e *tu* na posição de sujeito. Além dessas formas variantes clíticas como (*te* e *lhe*), o dativo pode ser expresso por sintagmas preposicionados com formas do paradigma de *tu* (*para/a tí*) e outras do paradigma de *você* (*a você* e *para você*). Na tabela 3, temos, como nas seções anteriores, a correlação entre a estratégia empregada como sujeito de segunda pessoa e as variantes dativas na amostra de cartas de Pernambuco:

Tratamento nas cartas (sujeito)	Formas dativas de segunda pessoa					
	Te	Lhe	A você	Para Você	Prep. + tí	Total
<i>Você-exclusivo</i>	--	134/149 89%	12/149 8%	01/149 1%	--	149/216 69%
<i>Tu-exclusivo</i>	22/29 76%	--	--	--	7/29 24%	29/216 13%
<i>Tu e você</i>	05/20 25%	14/20 70%	01/20 5%	--	--	20/216 9%
Paradigmas mistos	05/15 33%	08/15 53%	01/15 7%	--	01/15 7%	15/216 7%
Sem referência	--	02/03 67%	--	01/03 33%	--	03/216 3%
Tratamento nominal	--	--	--	--	--	--
Total	32 15%	158 73%	14 6,5%	02 1%	08 4%	216 100%

Tabela 3: Distribuição da função dativa (objeto indireto) e o uso do sujeito

Na distribuição geral do dativo nas cartas pernambucanas, conforme a tabela 3, os dados apontam para o emprego predominante do clítico *lhe* (73%), seguido do clítico *te* com frequências bem baixas: 15%. As formas preposicionadas apresentaram taxas abaixo de 10%: *a você* (6,5%), *preposição + tí* (4%) e *para você* (1%). Os resultados revelaram o predomínio das formas clíticas *lhe* e *te* no dativo como observado por Lopes, Rumeu e Carneiro (2013) para o Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia. O emprego majoritário do *lhe* deve-se à predominância do uso de *você* na posição de sujeito relacionada à simetria pronominal mantida pela maioria dos escreventes que têm um

alto grau de letramento em nosso *corpus* de cartas pernambucanas. Não registramos, por exemplo, a ocorrência do clítico *lhe* (forma do paradigma de *você*) em cartas com uso exclusivo de *tu* na posição de sujeito ou de *te* e do sintagma preposicionado *preposição + ti* (forma do paradigma de *tu*) em cartas com uso exclusivo de *você*.

Há uniformidade entre as formas de segunda pessoa na posição de sujeito exclusivo e as formas de complemento dativo, mas não há nas cartas que apresentaram variação entre *tu* e *você* como sujeito. No caso do *você-exclusivo* na posição de sujeito, só ocorreram formas do paradigma de *você*. O uso predominante foi o clítico *lhe* (89%), seguido da forma preposicionada *a você* (8%) e *para você*, com 1%. Mesmo com a possibilidade de alternância com as formas preposicionadas, o *lhe* foi a variante mais produtiva na posição dativa. Dentre as opções preposicionadas, o *a você*, em (13), forma mais conservadora que *para você*, em (14), foi a estratégia que prevaleceu. A tendência observada foi a de uma maior produtividade da preposição *a* nos sintagmas preposicionados para expressar o dativo em relação à preposição *para*. Essa opção por formas pronominais mais conservadoras também ocorreu com os clíticos *a-o* e variantes no complemento acusativo, representados neste *corpus*. Além do perfil dos escreventes, mais uma vez os elementos constitutivos da carta parecem favorecer essa ocorrência mais conservadora, pois seis dados de *a você* ocorreram em seções da carta fixas como a abertura, a captação da benevolência e a despedida: locais propícios, como vimos nas seções anteriores, para construções formulaicas e para recorrências de formas tradicionais de dizer.

- (13) [...] O Barão de Lucena e João Barbalho [ilegível] fazer muito se escreverem aos nossos amigos principalmente aos ex conservadores. Elles quizerem, principalmente o primeiro *que* eu [fol. 2r] possa indicar os nomes dos amigos a você. [...] (Carta AO 03, 08/07/1894) (COSTA & GOMES, 2014)
- (14) [...] Envio para você os retratinhos que tiramos ahi, não ficaram bem focalizados, no entanto, é de coração que os envio. [...] Sem mais renovando os meus cumprimentos extensivos á todos os que *lhe* são mais caros, aqui fica o Braga (Carta BB 03, 20/01/1942) (GOMES, 2014)

No contexto de *tu-exclusivo* na posição de sujeito, a ocorrência de *te* (76%) como complemento dativo foi predominante, a exemplo do que ocorreu no Rio de Janeiro (88%) e em Minas Gerais (84%) (LOPES, RUMEAU E CARNEIRO, 2013). Os dados de Pernambuco revelam uma incidência maior de *te* no dativo do que no acusativo. Nesse tipo de sujeito verificamos apenas a alternância de *te* com a forma complementar *preposição + ti* (24%) em posição dativa. Esse resultado condiz com a regularidade presente na escrita dos missivistas selecionados e dá indícios da posição dativa como um contexto propício para a conservação das formas pronominais do paradigma de *tu*. Do total de 32 dados, 15 estavam em posição enclítica e 17 em posição proclítica, os últimos dados em consonância com a tendência à anteposição do clítico no PB.

Já nos casos em que houve mistura entre *tu* e *você* na posição de sujeito e mistura nas ocorrências de imperativo (paradigmas mistos), foram registradas também variações das estratégias de dativo, com dados de *te*, em 15, carta de José Mariano à filha Yayá; *lhe*, em (16), carta de Manoel Borba à filha Ignes; *a você*, em (17), carta de Waldemar de Oliveira à mãe; e *preposição + ti*, em (16), carta de Mário Sette à mãe. Diferentemente do observado no Rio de Janeiro em que prevalecia o *te*, nas cartas com variação *tu* e *você* na posição de sujeito, predominou, em nossa amostra pernambucana, o clítico *lhe* com 70%, ficando *te* em segundo lugar com 25%. Para o sujeito sem referência prevaleceram as formas do paradigma de *você* (*lhe* e *para você*).

(15) Querida filhinha Yayá. Escrevi-te a 21 deste pelo “Cordelliere” e hoje novamente escrevo-te pelo “Magdalena” para dar-te a compensação de não teres recebido cartas pelo Danubé. É mesmo cumprio a promessa que te fiz em *minha* ultima carta de te escrever sempre. Recebi hontem uma cartinha tua, sem data, mas que provavelmente devia ser de 19 ou 20. A esta hora já deves estar mais satisfeita porque já terá recebido a carta que foi pelo Cordelliere. (Carta JM 05, 28/11/1900) (AMORIM & GOMES, 2014)

(16) Ignes Recebi a carta que Luis Pedro trouxe e o retrato de maninho. Hontem telegrapei a [rasurado] Velloso para lhe dar mais dinheiro caso viesse a precisar para as despesas de casa que foram accrescidas n’este mes pelos extraordinarios

que apareceram. Aqui que mesmo com os contratempos que você me refere, sempre foi bom o presente da casa. [...] Da uma busca na gaveta de minha secretaria e n'uma pasta (a menor) de papeu carta que costumava estar na mêsã de centro do meu gabinete e me manda todos os recibos e papeis da “Sul America”. (Carta MB 11, 17/09/1925) (SOUZA & GOMES, 2014)

- (17) Carinhosa Mamãe. [...] É a razão única de pedir eu à você para mandar logo os 50 Réis, para eu depois de comprar o que preciso, fazer face às despesas. Na outra carta narrar-lhe- hei o que de novidade houver sobre este assumpto. Já providenciou sobre o augmento da mesada? [...]. Recebi com alegria as valsas de que me falas [...] Adeus minha querida mamãe, beijos muitos beijos receba de mim. Waldemar (Carta WO 25, 28/09/1917) (AMORIM & GOMES, 2014)
- (18) Minha boa mãe. Abençoe-me. O portador desta é Chico, que, no “Olinda” amanhã parte para ahi. Leva elle tambem p'ra ti uma caixa com 12 garrafas de [vinho] Cajú e duas lembranças de Maria Laura. Desculpes o pouco valor das offer-tas; [...] Abraços e beijos o teo filho do coração Mario Sette (Carta MS 02, 13/01/1906) (AMORIM & GOMES, 2014)

As formas variantes de dativo já anunciam, na documentação dos séculos XIX e XX, algumas características que vêm se firmando no português brasileiro. A mistura de tratamento, por exemplo, é um reflexo da reorganização do sistema pronominal do português brasileiro. Nos contextos de *você-exclusivo* a forma pronominal de complemento mais utilizada foi o clítico *lhe* para o dativo. Nos contextos de *tu-exclusivo* na posição de sujeito, a ocorrência de *te* foi predominante. Nos contextos de mescla *tu-você* houve registro de complemento dativo dos paradigmas de *tu* e de *você*. O que pudemos constatar é que as formas de complemento dativo, no *corpus* de Pernambuco dos séculos XIX e XX, acompanharam o pronome de tratamento utilizado na posição de sujeito com pronome exclusivo, mas, mesmo com poucos dados, a mistura dos tratamentos

também sinaliza alteração nos complementos. De qualquer forma, temos nessa amostra de sincronias passadas indícios do que se firmará na fala pernambucana atual e de áreas do nordeste em geral: uso expressivo de *lhe* sem marcar necessariamente formalidade. Vejamos o que ocorre com as formas oblíquas.

6. Formas oblíquas de segunda pessoa nas cartas pernambucanas: 1869-1969

Assim como o dativo, reconhecemos a complexidade de explicar o que consideramos como oblíquo em virtude das semelhanças formais e semânticas entre as duas funções. É difícil fazer a distinção entre objeto indireto e oblíquo, o que nos leva a uma atenção maior na abordagem semântica e contextual desses complementos (OLIVEIRA, 2014). Nesse sentido, diversos autores apresentam critérios que buscam distinguir os sintagmas preposicionados dativos dos sintagmas preposicionados ditos oblíquos. Partimos, então, das seguintes características: as formas oblíquas, diferentemente das dativas, são sempre tônicas, regidas por preposição, podem receber papéis temáticos diversos (locativo, instrumento, beneficiário etc.), não admitem substituição por clíticos, não estabelecem relações gramaticais centrais e complementam não só verbos, como também nomes e adjetivos (DUARTE, 2003; LOPES, RUMEU E CARNEIRO, 2013). Seguem alguns exemplos dos casos encontrados nas cartas pernambucanas:

- (19) [...] quero beijar-te loucamente, furiosamente, como quem deseja sorver-te em beijos e em beijos finar-se contigo. Arthur Orlando (Carta AO 16, 02/11/1908) (FRAGA & GOMES, 2014)
- (20) Meu muito caro Decio Silveira:[...] De minha parte, mais aumentam a estima e o reconhecimento. E da sua? Desmereci para você? Porque? Aguardei uma carta sua até agora e nada. Rompo o silencio, aliás não propositado para saber do que há. [...] O livro, como sabe, é dedicado a você, homenagem de ha muito resolvida e communicada a você. [...] Vamos a ver si você agora me escreve: Abrace com affecto e gratidão o M. Sete (Carta MS 12, 25/04/1937) (GOMES & GOMES, 2014)

- (21) Minha cara Mamãe [...] Perguntam-me todos por você papai, mamãe e meus irmãos prometendo-[rasurado] no vir visitar-me aqui. [...] Adeus minha mãesinha receba um afetuosos abraço de quem te estima muito Waldemar Preciso muito de sellos. (Carta WO 05, 19/01/1916) (SILVA & GOMES, 2014)

A tabela 4 sintetiza os resultados dos complementos oblíquos em correlação com a forma tratamental utilizada na posição de sujeito:

Tratamento nas cartas (sujeito)	a ti	Para ti	Prep. + ti	A você	Para você	Prep. + você	Total
<i>Você-exclusivo</i>	--	--	--	03/20 18%	08/20 47%	06/20 35%	17/32 53%
<i>Tu-exclusivo</i>	02/08 20%	--	08/08 80%	--	--	--	10/32 31%
Paradigmas mistos	--	01/03 33%	01/03 33%	--	--	01/03 33%	03/33 10%
Formas nominais	--	--	--	--	--	01/33 100%	01/32 3%
Sem referência	--	--	--	01/01 100%	--	--	01/33 3%
Tratamento nominal	--	--	--	--	--	--	--
Total	02 6%	01 3%	09 28%	04 13%	08 25%	08 25%	32 100%

Tabela 4: Distribuição da função oblíqua e o uso do sujeito

A amostra de Pernambuco registrou apenas 32 dados de estratégias oblíquas. Os resultados gerais apontam que, no paradigma de *tu* (*a ti*, *para ti* e *preposição + ti*), prevaleceram preposições diferentes de *para* e *a*. A estratégia predominante foi *preposição + ti*, com 28% dos dados. No paradigma de *você* (*a você*, *para você* e *preposição + você*), a incidência da preposição *a* foi menor e houve empate entre as formas *para você* e *preposição + você*, ambas com 25% dos dados. Aqui temos um dado interessante a comentar. A função oblíqua foi o contexto morfossintático aqui analisado que apresentou

maior aproximação entre os paradigmas de *tu* e *você*. Apesar do emprego predominante das formas pertencentes ao paradigma de *você*, houve o favorecimento do paradigma de *tu* (*preposição + ti*), equiparando-se aos índices de *para você* e *preposição + você*. Entretanto, a comparação entre os dois paradigmas aponta para a supremacia da forma mais inovadora *você*.

Nas cartas em que houve o *você-exclusivo* como sujeito, ocorreu exclusivamente o paradigma de *você* na função oblíqua. Nas cartas em que *tu* aparece como único tratamento na posição de sujeito, foram utilizados apenas os sintagmas preposicionados de *ti*. O sintagma preposicionado morfologizado *contigo*, em (18), só obteve dois dados. Não houve registro de mescla de *tu* e *você* na posição de sujeito, mas houve mistura com o imperativo. Nesse caso houve diversificação nos complementos oblíquos (*para ti*, *preposição + ti* e *preposição + você*). No caso do sujeito sem referência houve apenas um dado de *a você*. De um modo geral, os dados das cartas pessoais pernambucanas também confirmam que a inserção do *você* no quadro de pronomes do português brasileiro encontrou no complemento preposicionado oblíquo um contexto favorável para a sua propagação no sistema de segunda pessoa (RUMEU, 2013).

7. Considerações finais

Esta pesquisa de cunho sociohistórico visou contribuir com o entendimento da formação e configuração do sistema pronominal do português brasileiro. Os resultados obtidos com os dados levantados nas cartas pessoais pernambucanas dos séculos XIX e XX revelaram a predominância do uso de formas do paradigma de *você*, como um traço de inovação da forma tratamental de segunda pessoa, no intervalo de cem anos (1869-1969). Por outro lado, também verificamos contextos morfossintáticos em que houve a manutenção do paradigma de *tu* mais conservador como tratamento de segunda pessoa. Os dados também revelaram menos alternância e mais regularidade na relação entre os pronomes na posição de sujeito e os complementos acusativos, dativos e oblíquos. Essa regularidade deveu-se ao perfil social dos missivistas.

O domínio da uniformidade tratamental em nossas cartas, seja de *você* (*você-exclusivo*) ou *tu* (*tu-exclusivo*), deveu-se, em grande parte, ao alto nível de letramento dos escreventes. Em vista disso, a variação entre *tu* e

você na mesma carta foi bastante esporádica, uma vez que os informantes utilizaram com regularidade as formas tratamentais nos diferentes contextos morfofossintáticos analisados, fazendo jus à uniformidade apregoada pelos manuais de gramática. De todo modo, dados de alternância dos paradigmas *tu-você* também foram encontrados, evidenciando a configuração de uma norma de uso que é recorrente na atualidade. A apresentação dos dados de Pernambuco, no que diz respeito ao sujeito, sintetiza a preferência pela realização *você*.

No que diz respeito às formas acusativas de segunda pessoa, os dados mais representativos de Pernambuco mostraram que o clítico *te* foi mais produtivo no sistema tratamental em que predomina o *tu-exclusivo*, no final do século XIX e início do XX. Os resultados também evidenciaram que o subsistema mais favorável às formas variantes de acusativos foi o *você-exclusivo* como sujeito, com alta produtividade dos clíticos *o-a*. Nesses casos, percebemos que o sujeito condicionou o uso do acusativo; e a opção pelos clíticos mais conservadores pode ser justificada pelo perfil erudito do escrevente e pela natureza do texto.

Nesse sentido, as evidências textuais recorrentes indicaram a ocorrência de tradições discursivas. As cartas pessoais analisadas apresentaram fórmulas típicas repetidas em sua composição que remetem a usos pertencentes à natureza do texto. Algumas partes constitutivas das cartas mostraram-se favoráveis à manutenção de formas pronominais como o emprego de *a/o* e suas variantes, em posição acusativa, nas despedidas das cartas do jovem Waldemar de Oliveira a sua mãe. Tal uso não corresponde à norma de uso da língua vigente na época (primeira metade do século XX), mas, em grande parte, à natureza do texto.

Constatamos também que as formas de complemento dativo, no *corpus* de Pernambuco dos séculos XIX e XX, acompanharam o pronome de tratamento utilizado na posição de sujeito com pronome exclusivo. No entanto, mesmo com poucos dados, a mistura dos tramentos *tu* e *você* como sujeito sinalizou inclusive mistura nos complementos. De um modo geral, os dados das cartas pessoais pernambucanas confirmaram que a entrada de *você* no quadro de pronomes do português não se deu da mesma forma em todos os contextos sintáticos. Na posição de sujeito e de complemento preposicionado oblíquo o espraiamento de *você* se deu de forma mais acelerada, ao passo que, na posição acusativa e dativa, as formas

do paradigma de *tu* mantiveram forte frequência de uso.

Esperamos que o presente trabalho possa contribuir com outras pesquisas em andamento. Os resultados apresentados até o momento podem ser ampliados por meio de pesquisas comparativas com outros estados brasileiros, com o estudo específico e detalhado de cada contexto morfossintático analisado e com a diversificação dos gêneros e subgêneros que revelam diferentes estratégias linguísticas, a exemplo da diversidade constatada no emprego das formas tratamentais em cartas pessoais pernambucanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, G. de S. *Quem te viu quem lhe vê : a expressão do objeto acusativo de referência à segunda pessoa na fala de Salvador*. 193 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

AMORIM, T. & GOMES, V. S. *Cartas pessoais – Recife, Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB/PE, 2014. Cartas: AO 2; MS 02; JM 05; AO 09; MS 13; MB 14; WO 18; WO 20; WO 25.

ATAÍDE, C. & FORCIONI, D. *Cartas Pessoais do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010. Carta JN 02.

ATAÍDE, C. & GOMES, V. S. *Cartas pessoais – Recife, Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB/PE, 2014. Carta GF 05.

CONDE SILVESTRE, J. C. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.

COSTA, E. C. C. da & GOMES, V. S. *Cartas pessoais – Recife, Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB/PE, 2014. Carta AO 3.

DUARTE, I. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MATEUS, M. H. M. et al.: *Gramática da língua portuguesa*, 5 ed. Lisboa, Caminho, 2003, 275-320.

DUARTE, M. E. L. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado, PUC-SP. 1986.

GOMES, V. S. *Cartas pessoais – Recife, Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB/PE, 2014. Cartas: BB 01; BB 03.

FRAGA, I. P. de; GOMES, V. S. *Cartas pessoais – Recife, Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB/PE, 2014. Carta AO 1.

GOMES, A. & GOMES, V. S. *Cartas pessoais – Recife, Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB/PE, 2014. Carta MS 12.

KABATEK, J. Tradiciones discursivas y cambio linguistic. In: CIAPUSCIO, G.; JUNGBLUTH, K.; KAISER, D.; LOPES, C. (eds.). *Sincronía y diacronía de tradiciones discursivas em Latinoamérica*. Iberoamericana, Vervuert, 2006.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. Oralidade y escrituralidad a luz de la Teoria del Lenguage. In: _____. *Lengua Hablada en La Romania: español, francés, italiano*. Madrid; Editorial Gredos, 2007, pp. 20-42.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

LOPES, C. R. dos S.; CAVALCANTE, S. A cronologia do voceamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Revista Lingüística*, Madrid, v.25, p.30 – 65, 2011.

LOPES, C. R. S.; MARCOTULIO, L. L. O tratamento a Rui Barbosa. In: CALLOU, D.; BARBOSA, A. *A norma brasileira em construção: Cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011.

LOPES, C. R. S.; RUMEU, M. C. de B.; CARNEIRO, Z. de O. N. A configuração diatópica-diacrônica do sistema de tratamento do português brasileiro. In: *Revista do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste*. Vol. 15 Números 1/2, 2013, p. 187-212.

OLIVEIRA, T. L. de. *Entre o Linguístico e o Social: Complementos Dativos de 2ª pessoa em Cartas Cariocas (1880-1980)*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2014.

RUMEU, M. C. de B. *Língua e sociedade: a história do pronome “você” no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.

_____. *Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominiais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

SILVA, A. S. e & GOMES, V. S. *Cartas pessoais – Recife, Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB/PE, 2014. Cartas: MB 03; MB 11; WO 05; WO 11.

SOUZA, C. D. de. *Eu te amo, eu lbe adoro, eu quero você: a variação das formas de acusativo de 2ª pessoa em cartas pessoais (1880-1980)*. Dissertação (Letras (Letras Vernáculas))/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.